

## Rogério Roque Amaro

Professor Associado do Departamento  
de Economia Política da Escola de  
Ciências Sociais e Humanas do ISCTE - IUL

### **NOTA EDITORIAL**

#### **Rogério Roque Amaro**

As tomadas de posição e as iniciativas para identificar e combater as discriminações, as subordinações e a invisibilização das mulheres nas sociedades e na economia em geral, começaram a ganhar expressão pública no século XIX, focalizadas, nessa altura, essencialmente na luta pelo sufrágio das mulheres e, portanto, pela conquista do direito ao voto. Mais tarde também pelo direito ao trabalho e de iguais direitos no trabalho<sup>1</sup>.

Segundo algumas interpretações, Charles Fourier, um dos autores de referência da Economia Social do século XIX, francês, conhecido pelas suas ideias e propostas da corrente filosófica do Socialismo Utópico, criador da experiência utópica dos Falanstérios, foi um dos primeiros a usar a expressão «feminismo», em 1837<sup>2</sup>.

As correntes feministas conheceram depois várias tendências e expressões, falando-se normalmente de três grandes vagas, com enfoques diferenciados<sup>3</sup>: a primeira, no século XIX e princípios do século XX, centrada nas lutas referidas acima, a segunda, nos anos 1960 e 1970, mais alargada às várias frentes da conquista da igualdade legal e social para as mulheres, e a terceira, desde os anos 1980 até à actualidade, dando continuidade às lutas anteriores, mas cruzando-as com as novas problemáticas da defesa da diversidade das orientações sexuais, da ecologia, da

alterglobalização ou dos processos económicos alternativos.

Há também quem fale de «pós-feminismo», referindo-se a algumas reacções, iniciadas ainda nos anos 1980, a determinadas posições e atitudes, consideradas mais extremadas da chamada segunda vaga, defendendo ser importante manter ou renovar e actualizar algumas dessas lutas, mas sem lhe dar um rótulo demasiado agressivo e excessivamente conotado com os interesses das mulheres brancas dos países do Norte<sup>4</sup>.

Ao longo destas evoluções, o cruzamento das correntes feministas com as várias ideologias e movimentos sociais presentes na sociedade, nem sempre foi pacífico. Por exemplo, se se pode falar inquestionavelmente de uma posição feminista socialista, a verdade é que existem também expressões de um feminismo radical, que critica precisamente aquela, por se focalizar excessivamente na crítica ao capitalismo e descurar a denúncia e a crítica ao patriarcado<sup>5</sup>. O mesmo se passa, por vezes, em relação aos movimentos sindicais.

Algumas das posições mais fundamentadas procuram situar a reflexão sobre o papel da mulher nas sociedades, as discriminações de que são alvo e os consequentes desafios da Igualdade de Género no cruzamento de três fontes de injustiça, de desigualdades e de explorações<sup>6</sup>: o Capitalismo, enquanto sistema de exploração da classe trabalhadora (onde há homens e mulheres) pela burguesia dominante; o Patriarcado, enquanto modelo de sobreposição machista dos homens sobre as mulheres; e o Racismo, sobretudo enquanto representação da superioridade cultural, económica, social e política dos brancos de raiz europeia sobre os outros povos e culturas.

Historicamente, a Economia Social e, mais recentemente, a Economia Solidária, por um lado, e o Feminismo, por outro, andaram, no essencial, afastados, sem ligações e abordagens conjuntas, o que não deixa de ser estranho, atendendo aos objectivos e aos princípios históricos da Economia Social e da Economia Solidária<sup>7</sup>.

Refira-se contudo que, por exemplo, nas formulações do conceito de Economia Solidária da Macaronésia, sempre se referiu o princípio da Igualdade de Género, como um dos pilares fundamentais da sua definição<sup>8</sup>.

E, de facto, a Economia Solidária, com as suas inovações e desafios teóricos e práticos, contém um grande potencial para a abordagem simultânea e integrada das questões das discriminações económicas, sociais, ambientais, culturais, territoriais, cognitivas, políticas e de género, permitindo perspectivar a sua resolução conjunta, sem portanto considerar a questão da Mulher como um tema à parte<sup>9</sup>.

Mais recentemente, sobretudo a partir da década de 1990, surgiu uma nova corrente, designada por Economia Feminista<sup>10</sup>, cujos temas centrais têm sido, entre outros: uma forte crítica aos paradigmas dominantes da ciência económica, por terem ignorado sistematicamente a análise teórica e estatística do trabalho feminino; a valorização dos vários papéis da Mulher na economia, no mercado ou fora dele; e, sobretudo, a proposta do conceito de Economia do Cuidado (normalmente a cargo das mulheres), do ponto de vista conceptual e contabilístico.

É, portanto, da maior pertinência, trazer estes temas ao debate académico e público. Nesse sentido, a Revista de Economia Solidária entendeu preparar um número especial sobre estas problemáticas, solicitando a Isabelle Hillenkamp, investigadora do IRD (Instituto de Investigação para o Desenvolvimento) de França e investigadora associada e professora no Instituto de Socioeconomia (Departamento de Sociologia) da Universidade de Genebra, especialista em estudos sobre a economia popular e solidária na América Latina, a coordenação e organização deste número.

No primeiro artigo, três autoras que têm trabalhado nestes temas, Isabelle Hillenkamp, Isabelle Guérin e Christine Verschuur, analisam as convergências, possíveis e necessárias, entre Economia Solidária e as Teorias Feministas.

No segundo, as especialistas Madeleine Hersent e Isabelle Guérin, abordam, numa perspectiva internacional, o papel das Mulheres nas iniciativas de Economia Social e Solidária, sublinhando o seu peso e a sua importância em diferentes funções.

No terceiro, Fernanda Wanderley, professora universitária na Bolívia, estuda as lógicas associativas, como solução de auto-emprego, para as mulheres bolivianas em meio urbano.

No quarto, Magalie Saussey, investigadora a preparar um pós-doutoramento na Bélgica, identifica as condições e alguns exemplos de acção colectiva e solidária, na resolução das questões de género no Burkina Faso.

No quinto, Margarita Barragán, socióloga feminista equatoriana, discute o papel da Economia Solidária no Equador, tendo em conta a sua evolução política e a emergência do conceito de Buen Vivir, a partir de uma perspectiva feminista crítica.

Finalmente, e como é hábito na Revista, publica-se um trabalho académico, neste caso da doutoranda em Estudos Africanos/Economia Solidária, no ISCTE-IUL (Lisboa), Joana Guedes, Mestre em Economia Social e Solidária, sobre a Economia Informal e os sistemas de crédito popular solidário na África Lusófona (texto essencialmente de enquadramento teórico à tese).

Com este número, pretende-se ser pioneiro na abordagem desta temática em Portugal, colocando-se a Revista na primeira linha da inovação da discussão económica alternativa.

Sublinhe-se ainda que, neste número, existem artigos publicados nas quatro línguas admitidas na Revista.

## Notas

<sup>1</sup> Cf., por exemplo, Maggie HUMM, 1995. *The Dictionary of Feminist Theories*. Columbus, Ohio State University Press, p. 251.

<sup>2</sup> Cf. L. GOLDSTEIN, 1982. "Early Feminist Themes in French Utopian Socialism: The St.-Simonians and Fourier", *Journal of the History of Ideas*, vol. 43, n. 1, p. 92.

<sup>3</sup> Cf., por exemplo, HUMM (1995), op. cit.

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, Tania MODLESKI, 1991. *Feminism without women: culture and criticism in a "post-feminist" age*. New York: Routledge.

<sup>5</sup> Cf., por exemplo, Cristina CARRASCO (org.,1998). *Mujeres e economia: nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas*. Barcelona, Ed. Icaria - Antrazyt, pp. 9 a 12 (Introdução).

<sup>6</sup> Cf., por exemplo, Graciete SANTOS, 2010. *Economia Solidária e Economia Feminista, um Encontro Possível*. pp. 1 a 5. ([http://www.fb.es.org.br/biblioteca22/economia\\_feminista\\_um\\_encontro\\_poss%EDvel](http://www.fb.es.org.br/biblioteca22/economia_feminista_um_encontro_poss%EDvel) - acedido em 29 de Agosto de 2014). Graciete Santos é socióloga e coordenadora da Casa da Mulher do Nordeste, no Brasil.

Cf. também CARRASCO (org. - 1998), op. cit., pp. 9 a 12.

<sup>7</sup> Cf., por exemplo, SANTOS, 2010, pp. 9 a 12.

<sup>8</sup> Cf. Rogério Roque AMARO, 2009. "A Economia Solidária da Macaronésia - um novo conceito", *Revista de Economia Solidária*, n. 1, pp. 11 a 30. ACEESA, Ponta Delgada. Cf. também Rogério Roque AMARO e Francisco MADELINO, 2004. *Economia Solidária - contributos para um conceito*. Ed. bilingue do Projecto "CORES" (MAC/ 3.1/ C24) Iniciativa Comunitária INTERREG - IIIB Funchal.

<sup>9</sup> Cf. Isabelle GUÉRIN, 2003. *Femmes et économie solidaire*. Paris, La Découverte.

<sup>10</sup> Cita-se, entre outros, os nomes de: Ester Boserup, Julie Nelson, Marilyn Waring, Nancy Folbre, Cristina Carrasco, Michèle Pujol, Miriam Nobre, Isabelle Guérin, Graciete Santos.